

▲ DÓLAR: R\$ 2,883 (+0,13%) ▲ BOVESPA: 13.835 (+1,17%) ▲ DOW: 9.158,45 (+0,68%) ▲ NASDAQ: 1.706,10 (+1,47%) ▲ S&P: 988,11 (+0,95%)

Indústria alerta para risco de recessão

CNI aponta queda na confiança dos empresários. Vendas de supermercados despencam 8,1% em um mês, segundo a Abras

EDNA SIMÃO

BRASÍLIA – Se o governo não der uma “injeção de ânimo” na economia brasileira, em lugar do anunciado espetáculo de crescimento o país poderá experimentar uma grave recessão no segundo semestre. Essa pelo menos é a opinião do coordenador da Unidade de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Flávio Castelo Branco.

– Dizer que o país hoje está em recessão é muito forte. Mas se não houver uma mudança nos parâmetros macroeconômicos, caminharemos para uma recessão mais abrangente. É preciso atenção para que a recessão não se manifeste no segundo semestre – observou.

Ontem, a CNI divulgou a Sondagem Industrial referente ao segundo trimestre do ano. Entre 25 de junho e 15 de julho, foram ouvidos 1.385 empresários. O documento revela que os empresários estão cada vez menos otimistas com a retomada nos próximos seis meses. Além disso, cresceu o número de companhias que prevêem corte de funcionários.

O indicador com relação à situação da própria empresa é o mais baixo desde abril de 1999. A demanda fraca da economia provocou acúmulo de estoques – o mais alto desde o início da sondagem, no segundo trimestre de 1998. A utilização da capacidade instalada é a menor desde o período da crise cambial em 1999.

Para Castelo Branco, a recuperação da produção ainda vai demorar. A melhora no cenário econômico servirá, num primeiro momento, para que as empresas desovem os estoques. Com a demanda doméstica reprimida, por conta da elevada taxa de juros e da elevação da meta de superávit primário, muitos segmentos vêm atravessando dificuldades. O mau desempenho de alguns, contudo, era compensado pelas exportações.

– Não fosse isso, estariam

em recessão – afirmou o coordenador.

Esse cenário pode mudar a partir de agora, porque as estimativas projetam um crescimento menor das exportações. Para a CNI, além da base de comparação mais elevada em igual período de 2002, a queda recente da taxa de câmbio poderá afetar o desempenho exportador no ano.

Segundo Castelo Branco, a aprovação das reformas tributária e previdenciária poderá dar fôlego maior para a economia brasileira. Além disso, seria necessária a redução da taxa de juro básica (Selic), atualmente em 26% ao ano, e da alíquota dos compulsórios sob depósito à vista (valor que os bancos são obrigados a recolher ao BC). O economista acredita que há espaço para o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central diminuir a Selic em pelo menos dois pontos percentuais. A atual taxa, disse, desestimula o consumo e o investimento.

Não é apenas a indústria que amarga a retração. Outro indicador divulgado ontem mostra que o comércio também vem sofrendo com o achamento da renda e as altas taxas de juros. O Índice Abras, da associação que representa o setor de supermercados, aponta queda de 1,11% nas vendas do primeiro semestre do ano, em comparação com igual período de 2002, descontada a inflação. Em junho, houve recuo de 2,69% em relação ao mesmo mês de 2002. Já na comparação com maio, o tombo é bem maior: 8,16%.

João Carlos de Oliveira, presidente da Abras, reconheceu, em nota, que “o contínuo aumento no nível de desemprego, o baixo poder aquisitivo da população e as altas taxas de juros ainda são os principais fatores que vêm impactando os resultados, levando o setor ao desempenho negativo apurado no semestre”.

esimao@jb.com.br

